

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

Rastros do muro

Os sinos das igrejas tocarão ao meio-dia no próximo sábado, convocando a população para um minuto de silêncio em memória dos 50 anos da construção do Muro de Berlim. É um momento de reflexão sobre os efeitos causados pelos 28 anos de divisão da cidade (1961-1989). A iniciativa é do Gedenkstätte Berliner Mauer (Memorial do Muro). O memorial, cujas instalações estão sendo inauguradas em etapas, já conta com exposições ao ar livre, uma capela, um museu e um centro de informações ao longo de 1,3 km na Bernauer Strasse, rua-símbolo da cidade partida.

Localizado na antiga Faixa da Morte, área de segurança junto ao muro, o memorial partiu de dois resquícios originais: um trecho do muro e uma torre de vigilância de fronteira. A ideia é dar aos visitantes a sensação de como era conviver com o muro no lado oriental e mostrar o esquema de segurança pesado que tinha guardas, arame-farpado, cães, minas e holofotes. Para a construção do muro foram destruídas muitas casas, um cemitério e uma igreja na Bernauer Strasse.

O pastor Manfred Fischer, da Capela da Reconciliação, diz que não apenas as vítimas fatais devem ser lembradas. Também deve-se homenagear a resistência dos críticos ao regime comunista que, sem violência, ajudaram a derrubá-lo.

A BVG, empresa de transporte público, anunciou que os trens, ônibus e bondes irão parar por três minutos em solidariedade ao minuto de silêncio. A divisão de Berlim atingiu o transporte público de forma imediata. Algumas linhas de metrô foram interrompidas da noite para o dia e a partir do bloqueio entre os setores, elas atravessavam o leste passando por estações escuras e vigiadas, conhecidas como “estações fantasmas”.

Em junho de 1961, no auge dos conflitos de interesses entre os governos dos setores da Alemanha ocupada, Walter Ulbricht, chefe da República Democrática Alemã, declarou que “ninguém tem o objetivo de construir um muro”. No entanto, nos bastidores, os preparativos já estavam em andamento. E com total apoio da União Soviética, guardas da Alemanha Oriental tiveram a ordem de fechar a fronteira entre o setor soviético e os setores ocidentais. Essa decisão partia não somente Berlim em dois lados, como separava a Alemanha em duas e dividia o planeta em dois polos, criando a “cortina de ferro”, símbolo da Guerra Fria.

A “muralha antifascista”, ou “muralha da paz”, como era chamada do lado soviético, foi uma decisão que causou a revolta dos que ficaram ilhados em um enclave em território comunista. Três dias após o bloqueio da fronteira, houve uma grande manifestação com 300 mil participantes em frente à prefeitura de Berlim Ocidental com a presença de Willy Brandt, mas sem resultado. Alguns políticos da época não acharam tão ruim assim: “A solução não é muito linda, mas mil vezes melhor do que uma guerra”, disse John F. Kennedy, presidente dos EUA.

O muro tinha 160 km de comprimento e altura variando de 3,40m a 4,20m. Do lado ocidental, ele estava presente no dia a dia das pessoas que

moravam nos bairros de fronteira. Muitos fizeram dele um painel com grafites, desenhos e pixações. Já para os habitantes da Berlim comunista era impossível chegar perto do muro e quem ousasse ultrapassar a linha estava na mira. São famosos os casos de mortos tentando pular o muro e as fantásticas fugas usando artifícios e esconderijos.

Mesmo com liberdade de ir e vir, os moradores de Berlim Ocidental se sentiam presos e pouco saíam da cidade, devido à burocracia e às dificuldades impostas. Por outro lado, a cidade ilhada era convidativa e generosa. Além de oferecer uma vasta vida noturna e *underground*, os jovens eram isentos do serviço militar, pois na cidade ocupada não havia representação do exército alemão. Aqueles que tinham contrato de trabalho recebiam um adicional de 8% sob o valor do salário como incentivo.

Uma amiga de adolescência, Katia Barcellos, que vive em Berlim desde meados dos

anos 1980, observa: “Acho que por ser tão especial e estar isolada do mundo, a criatividade e a loucura eram grandes. No meu primeiro inverno — 25° abaixo de zero e neve super alta do lado de fora —, entro em um bar onde a atmosfera me lembrava a praia de Copacabana. Eram toneladas

de areia da mesma altura da neve. A vida era muito barata e cheia de possibilidades”.

Katia ainda mora em Kreuzberg, bairro alternativo de Berlim onde abriu o seu primeiro salão. Foi no Makumba que muitas vezes Fernando Gabeira se sentava para escrever as suas colunas para a “Folha de S. Paulo”. Ela hoje divide com o marido, o chef Eric Muller, o espaço Barcellos Salon Sucré. De um lado, ele faz *pâtisserie* francesa e do outro, ela corta o cabelo de pessoas de todas as partes do mundo. Uma de suas clientes é a cineasta inglesa Cynthia Beatt, diretora dos filmes “Cycling the frame” (1988) e “The invisible frame” (2009), ambos estrelados pela britânica Tilda Swinton. Ambos têm como ponto de partida um passeio de bicicleta percorrendo os rastros do Muro de Berlim.

Em poucos dias toda a Alemanha estará lembrando o muro e o início súbito da sua construção, na madrugada de 12 para 13 de agosto de 1961. Quase nada restou dos 160 quilômetros do muro, porém é possível seguir o seu rastro demarcado no chão, visitar trechos originais e até ter um pedacinho em casa. Presente na memória dos berlinenses dos dois lados da cidade, o muro é uma relíquia em extinção. Com o Memorial do Muro, a sua lembrança está garantida nem que seja apenas na linha do imaginário.

Em poucos dias toda a Alemanha estará lembrando o muro e o início súbito da sua construção

SEGUNDA-FEIRA

Felipe Hirsch

TERÇA-FEIRA

PELO MUNDO

Cristina Ruiz, de Berlim

QUARTA-FEIRA

Francisco Bosco

QUINTA-FEIRA

PELO MUNDO

Eduardo Graça, de Nova York

Eduardo Levy, de Los Angeles

SEXTA-FEIRA

Hermano Vianna

SÁBADO

José Miguel Wisnik